



PARTICIPAR E CONSTRUIR COLETIVAMENTE A EXPERIÊNCIA DE AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL ITALIANA

PARTICIPAR Y COLECTIVAMENTE CONSTRUIR LA EXPERIENCIA DE EVALUACIÓN EN LA EDUCACIÓN DE LA PRIMERA INFANCIA ITALIANA

COLLECTIVELY PARTICIPATE AND BUILD THE EXPERIENCE OF EVALUATION OF EARLY CHILD EDUCATION IN ITALY



BONDIOLI, A.; SAVIO, D. (orgs.); D' ALFONSO, F. *et al.*(contribuições). **Participação e qualidade em educação da infância:** percursos de compartilhamento reflexivo em contextos educativos. Tradução Luiz Ernani Fritoli. Curitiba: Editora da UFPR, 2013.

Resenhado por:

Elina Elias Macedo

Universidade Estadual de Campinas

Pesquisa participativa, formação de professores/as, qualidade e avaliação são os temas abordados no livro *Participação e qualidade em educação da infância: percursos de compartilhamento reflexivo em contextos educativos*, organizado por duas pesquisadoras italianas Ana Bondioli e Donatella Savio, ambas docentes da Università di Pavia (Itália). A obra contou, também, com a colaboração de profissionais da educação que atuaram nas pesquisas relatadas, realizadas em Módena, região da Lombardia, na Itália.

Dentre as autoras, destacamos a professora Ana Bondioli que teve alguns de seus livros traduzidos e publicados no Brasil pela Editora Autores Associados: *Avaliando a pré-escola: uma trajetória de formação de professoras*, publicado em 2003; *O projeto pedagógico da creche e sua avaliação: a qualidade negociada*, em 2004 e *Ideias orientadoras para a creche: a qualidade negociada*, lançado em 2012. Sempre organizados e escritos em parceria com outros/as pesquisadores/as, as obras citadas apresentam o conceito de qualidade negociada, além dos projetos desenvolvidos na Itália.

A principal contribuição destas obras está na oposição que fazem à avaliação das crianças e professores, pois o foco de seus trabalhos é a avaliação institucional e a formação em contexto, muito diferente e até mesmo antagônico às avaliações em larga escala, *ranqueamento* das escolas ou tentativas de enquadrar as crianças em parâmetros e medidas internacionais. Tal posição, das pesquisadoras italianas nas produções citadas, vem na defesa da participação democrática e na construção coletiva da qualidade para a educação das crianças pequenas.

Este livro foi organizado em duas partes, na primeira apresenta o histórico sociopolítico de discussão dos conceitos de avaliação e qualidade negociada, além da fundamentação teórica dos próprios conceitos.

Ao tratar de qualidade, no capítulo inicial da primeira parte do livro, Ana Bondioli esclarece que as famílias são participantes e protagonistas no processo educativo e não usuárias de um serviço. Destaca a importância da participação democrática que inclua as famílias e a comunidade nos processos avaliativos e evidencia o caráter formativo da avaliação em contexto, por ela proposta.

Adriana Querzè, secretária da educação em Módena, escreve o segundo capítulo, e nele relata a luta por espaços de educação infantil, que nos anos de 1960 teve apoio maciço da população que ocupou terrenos públicos exigindo a construção de creches e pré-escolas, e como a participação da comunidade foi marcante na “gestão social” das escolas nos anos de 1970, até a crescente mercantilização da educação dos anos de 1990 e a atual coexistência de creches públicas e conveniadas. Participavam dos “conselhos de gestão”, além das famílias e professoras, representantes dos bairros eleitos pelos cidadãos.

Conta-nos como a iniciativa privatista alterou o foco e empenho das famílias que, inicialmente, eram atentas ao coletivo e aos poucos foram restringindo a preocupação apenas para com o próprio filho. E defende a ideia de uma participação construída intencionalmente “encontrando formas e modalidades capazes de compor os diversos pontos de vista e valorizar as potencialidades implícitas em toda mudança” (Querzè, 2013, p. 59).

Em todo o livro as autoras retomam essa história e nos lembram de que é esta cultura de participação na educação italiana um dos elementos da qualidade.

Na segunda parte do livro, são minuciosamente descritas as três experiências de pesquisa em que, além dos relatos, as autoras analisam os dados obtidos e fazem várias inferências sobre as reflexões fomentadas no processo.

As pesquisadoras agem em consonância com os pressupostos anunciados ao enviarem os questionários – o instrumento da pesquisa –, para que as famílias e as professoras opinassem sobre quais critérios são passíveis de avaliação, ou discutindo-os em reuniões. Os/as participantes das três experiências relatadas colaboraram, também, organizando uma ordem de relevância dos critérios a serem avaliados. Em seguida, os questionários foram refeitos tendo por base “a validação consensual dos instrumentos avaliativos” (Bondioli, 2013, p. 166). Os formulários da pesquisa, em anexos, facilitam a visualização e compreensão do processo pelo qual, com idas e vindas, os questionários foram construídos coletivamente. O relato das discussões do instrumento da “boa creche lúdica” que compõe a terceira experiência trás a complexidade e a riqueza das reflexões das educadoras sobre o tema “brincadeira”.

Bondioli inicia o terceiro capítulo, afirmando que “a participação das famílias na vida da escola é parte integrante da cultura pedagógica da Itália desde os anos de 1970 (...)" (p. 65). Lamenta o caráter empresarial que tomou conta da educação italiana nos anos de 1990. E, para contrapor-se a esta perspectiva neoliberal, destaca com veemência que a educação das crianças tem uma dimensão social e não pode ser algo privado, ao contrário, exige mobilização, colaboração, discussão e debate, por ser responsabilidade de todos. Lembra-nos ainda, que mesmo com resultados tão positivos, como no caso italiano, ainda existe espaço para melhorias e avanços importantes.

Na primeira experiência a ação pedagógica aparece como ponto central, mas, também, são abordados temas como as condições materiais da instituição (móveis, jogos e brinquedos disponíveis) e o cuidado com as crianças (seja na acolhida, na despedida, ou nos horários de alimentação e higiene pessoal). A avaliação institucional, feita pelas famílias e professoras, aponta que a creche e a pré-escola são consideradas ambientes propícios ao crescimento e

desenvolvimento infantil. As famílias foram implicadas diretamente no processo educativo por meio de uma autoavaliação e foi considerado satisfatório o apoio que dão ao processo educativo de suas crianças.

Destaca-se a afirmação feita mais adiante, de que “a creche deveria poder assumir um papel formativo e cultural para as famílias e para a sociedade, para criar uma imagem diferente da criança” (D’Alfonso e Rilei, 2013, p. 176) como uma importante reflexão presente na pesquisa, a qual, ao buscar um consenso entre as educadoras e as famílias e colocar esta questão em debate nas assembleias realizadas, parece apostar nesta perspectiva.

A coordenadora pedagógica, Lucia Selmi, autora do quarto capítulo, realça que “havia concordância entre as escolhas das professoras e as dos pais, e que, além disso, confirmava-se a expectativa dos pais de avaliar os aspectos mais pedagógicos” (Selmi, 2013, p. 127). Assinala que não havia interesse em indagar sobre o rendimento das crianças e/ou dos/das professores/as. Nos alerta, então, para as diversidades de gênero e de cultura, sobretudo, com relação às crianças provenientes de outros países, que emergiram como um tema a ser debatido.

No quinto capítulo, intitulado *A participação como objeto e estratégia de pesquisa*, Bondioli reafirma alguns princípios que orientaram as experiências e afirma que: “O princípio de base é que o juízo relativo à qualidade só pode ter um valor intersubjetivo; não é adequação a padrões pré-definidos e mandados do alto, mas é um empreendimento coletivo de definição comum e compartilhada de tais padrões” (Bondioli, 2013, p. 166). Reforça a afirmação que a educação das crianças não pode ser privada, com responsabilidade apenas da família, mas é “uma questão de interesse público, um empenho da coletividade” (p. 169).

O sexto capítulo traz a descrição de todo o processo e percurso da segunda experiência, comentada pelas pedagogas Francesca D’Alfonso e Patrizia Rilei que reconhecem que “não se quer mais

entender a maternidade como momento privado e individual” (D’Alfonso e Rilei, 2013, p. 172). Ao analisarem os questionários encontraram novas variantes, com destaque para a necessidade de atender às novas demandas sociais, como as diferentes configurações familiares, a imigração e a diversidade cultural daí originárias.

A terceira experiência, considerada a de maior relevância, é contada no último capítulo e inicia com a delimitação do campo teórico e conceitual da sociologia da infância, em que Donatella Savio escreve “a afirmação do direito e da capacidade da criança de participar exige do adulto que desenvolva com ela uma relação mais paritária” (p. 245). Prossegue a autora apontando as escolhas da investigação, afirmindo os direitos das crianças à participação, definindo a brincadeira como uma linguagem infantil e anuncia: “a possibilidade de que a observação da brincadeira represente um instrumento importante para realizar a participação infantil nos contextos educativos pré-escolares” (Savio, 2003, p. 252).

O processo formativo detalhado é riquíssimo para a compreensão de como a troca de saberes e a reflexão coletiva das educadoras (em formação continuada) pode construir um conhecimento a partir da reflexão sobre as ações pedagógicas.

O livro, com a descrição minuciosa da pesquisa, pode ser de grande valia para os pesquisadores/as interessados/as, que, de alguma maneira, anseiam que suas investigações possam contribuir com a formação de professores/as e com melhorias na educação e na vida das crianças pequenas.

As três experiências relatadas estão imbricadas nesses dez anos de pesquisa formativa do município de Módena e, de forma alguma, se constituem num método ou parâmetro a ser seguido, mas podem servir de inspiração e fundamentação para barrar as tentativas nefastas de medir, avaliar e excluir, que o empresariado e sua ideologia neoliberal querem impor aos professores/as, crianças e famílias brasileiras.